

A HISTÓRIA ENTRE CIÊNCIA E ARTE: WILHELM WINDELBAND E O DILEMA DA TEORIA NEOKANTIANA DA HISTÓRIA*

History between science and art: Wilhelm Windelband and the dilemma of the neo-Kantian theory of history

Jeffrey Andrew Barash 

Université de Picardie Jules Verne – Amiens, France
jabarash@gmail.com

Resumo: Este artigo enfoca a originalidade da tentativa de Wilhelm Windelband, o fundador da escola de neokantismo de Baden, de fornecer uma base teórica para a história como disciplina científica. Enquanto Kant, na *Crítica da Razão Pura*, tomou como modelo para toda a ciência a certeza das leis gerais da ciência da natureza, Windelband pretendia romper com os estreitos limites deste modelo kantiano para fornecer uma teoria de inteligibilidade científica que nenhuma busca por leis gerais poderia enfocar. No lugar dos conceitos gerais, a teoria de Windelband empregou valores historicamente mutáveis que permitem ao historiador colocar em relevo a qualidade singular dos contextos passados e dos indivíduos que neles interagem. Neste estudo, defendo que a vontade de Windelband de reconhecer a historicidade radical dos valores que estão por trás de todas as preocupações culturais, incluindo a continuidade e coerência da própria teoria, trouxe o ideal neokantiano da ciência histórica perante um dilema que ela não poderia resolver. Esta dificuldade, entretanto, não desqualifica de forma alguma a busca original de Windelband, mas exige uma reformulação de seu escopo e propósito fundamental.

Palavras-chave: ciência histórica; neokantismo; Dilthey; Kant; filosofia da história; filosofia dos valores.

Abstract: This article focuses on the originality of the attempt by Wilhelm Windelband, the founder of the Baden school of neo-Kantianism, to provide a theoretical basis for history as a scientific discipline. Whereas Kant, in the *Critique of Pure Reason*, took as the model for all science the certitude of general laws of natural science, Windelband aimed to break outside the narrow confines of this Kantian model to provide a theory of scientific intelligibility that no quest for general laws could bring into focus. In place of general concepts, Windelband's theory deployed historically changing values that permit the historian to set in relief the singular quality of past contexts and of the individuals who interact in them. In this study, I argue that Windelband's willingness to recognize the radical historicity of values that underlie all cultural concerns, including the continuity and coherence of theory itself, brought the neo-Kantian ideal of historical science before a dilemma it could not resolve. This difficulty, however, by no means disqualifies Windelband's original quest, but calls for a further reformulation of its fundamental scope and purpose.

Keywords: historical science; neo-Kantianism; Dilthey; Kant; philosophy of history; philosophy of values.

A segunda metade do século XIX assistiu ao nascimento do neokantismo na Alemanha, com duas escolas particularmente influentes: a Escola Marburgo de Hermann

* Tradução: Rafael R. Garcia (Universidade Estadual de Campinas – Campinas, Brasil; e-mail: raroga@unicamp.br).

Cohen e Paul Natorp, que se preocupava principalmente com os fundamentos filosóficos das ciências exatas, e a Escola do Sudoeste Alemão de Wilhelm Windelband e Heinrich Rickert, que tentaram uma primeira teorização das ciências históricas do homem e da cultura. Enquanto os filósofos de Marburgo fizeram uma importante revisão da filosofia kantiana à luz de uma nova concepção das ciências da natureza, esta tematização das ciências exatas corresponde às preocupações do próprio mestre de Königsberg. Em contrapartida, a Escola do Sudoeste de Windelband e Rickert não só propuseram uma revisão da filosofia kantiana, mas a própria noção de uma ciência histórica da cultura humana levou suas investigações muito além do escopo analítico da filosofia crítica como Kant a tinha concebido.

Em um discurso proferido em 1904 por ocasião do centenário da morte de Immanuel Kant, intitulado *Cem anos depois [Nach Hundert Jahren]*, Wilhelm Windelband refere-se a uma mudança na perspectiva do pensamento europeu que levou sua Escola a um alargamento do campo de análise com respeito à filosofia kantiana. Escreve Windelband:

Até o tempo de Kant existia essencialmente apenas a arte de escrever a história e os grandes artistas que se aplicavam a ela; mas a história contava apenas entre as *belles-lettres*, ainda não era uma ciência. Tornou-se uma, pela primeira vez, depois de Kant. Um dos fenômenos mais característicos da vida espiritual do século XIX, que esteve lado a lado com o desenvolvimento externamente impressionante das ciências da natureza, foi o processo silencioso, mas insistente e seguro da ascensão da história ao nível de uma ciência¹.

Esta tentativa da Escola do Sudoeste Alemão de fundar, com base nos princípios kantianos, uma nova ciência da história concebida em termos de uma ciência histórica da cultura humana, nos leva a uma questão: se, como o próprio Windelband observa no mesmo discurso, a ideia kantiana de ciência se limitava exclusivamente às ciências da natureza², esta ampliação, do ponto de vista kantiano proposto por Windelband, seria de fato compatível com a orientação kantiana? Além disso, em que medida a inspiração original de Kant não se mostra problemática para as tentativas de teorização de uma

¹ Wilhelm Windelband, *Nach Hundert Jahren*, p. 154. Oferecemos nossa própria tradução em relação aos textos em alemão não traduzidos.

² *Ibid.*, p. 153.

ciência do homem e da cultura empreendidas pelos neokantianos do sudoeste da Alemanha?

Se a ideia kantiana da ciência, como aponta Wilhelm Windelband, se limitava exclusivamente às ciências da natureza, tratava-se, como ele mesmo reconhece, de uma consequência da teorização da ciência em Kant, e mais especificamente da noção de “lei científica”, elaborada em seu trabalho crítico. O *status* científico de uma lei, para Kant, depende de sua certeza. Agora, o que prova ser de particular importância para a teorização da ciência é que para Kant a certeza de uma lei está diretamente ligada à sua generalidade. Com efeito, a propriedade de uma lei, ou seja, sua capacidade de abranger a experiência sob uma fórmula geral, deriva não dos conteúdos particulares da experiência, que são mutáveis e instáveis, mas da própria consciência, das formas puras de intuição e entendimento que são as condições prévias para toda experiência possível. Fundada na própria consciência, a generalidade da lei remete assim à universalidade e à necessidade das formas puras impostas por suas faculdades na constituição de toda experiência.

Dada a identificação da certeza em Kant e, portanto, da cientificidade de uma lei com sua generalidade, compreende-se facilmente porque para ele existe apenas um tipo de lei científica, porque o *status* autenticamente científico é concedido apenas à lei geral. Fiel a este princípio, Kant pressupõe que, se tomamos o mundo humano como objeto de uma ciência, só podemos proceder a partir de tais leis gerais. Por um lado, Kant escreve no ensaio *Ideia de uma história universal de um ponto de vista cosmopolita* que “as ações humanas, como todo outro acontecimento natural, são determinadas por leis naturais universais”³; por outro lado, tratando-se de uma possível teorização do mundo humano, ele explica na *Crítica da razão pura* que a psicologia empírica “aparece ali onde deve ser posta a verdadeira doutrina (empírica) da natureza”⁴. No entanto, esta estreita ideia de cientificidade revela-se especialmente problemática para a tentativa de compreender o homem e o mundo humano. Com efeito, para Kant, a lei da ação humana não poderia alcançar o mesmo nível de generalidade, nem poderia ser reduzida à aplicação dos

³ *IaG*, 8: 17.

⁴ *KrV*, B876. Ver também: *MAN*, 4: 468-479. Da mesma forma, quando se trata de ciência biológica, é a causalidade mecânica que deve ser sempre colocada na base da pesquisa científica, sem a qual “não pode haver conhecimento da natureza propriamente dita” (*KU*, 5: 387). Ao mesmo tempo, o papel-chave da explicação teleológica não deve ser negado como um modo possível de tematização do juízo reflexionante em biologia, além dos princípios mecânicos. Além disso, a importância do juízo teleológico não deve ser negligenciada como um princípio de unidade arquitetônica exigido pela pesquisa na articulação de uma finalidade sistemática de toda ciência.

mesmos princípios de causalidade que dizem respeito à física ou à mecânica. É por esta razão que a ideia de tal aplicação da psicologia empírica permanece, no sistema kantiano, muito limitada em seu escopo. Kant nunca considerou seriamente o uso de uma psicologia assim concebida para sistematizar os fatos singulares e acidentais da história. A seu ver, a própria cientificidade de um estudo de fatos históricos permaneceria duvidosa. A respeito de uma possível sistematização da ação humana, Kant escreve no ensaio *Ideia de uma história universal*:

É difícil disfarçar um certo dissabor quando se observa a conduta humana posta no grande cenário mundial, e muitas vezes o que isoladamente aparenta sabedoria ao final mostra-se, em seu conjunto, entretido de tolice, capricho pueril e frequentemente também de maldade infantil e vandalismo: com o que não se sabe ao cabo que conceito [*Begriff*] se deva formar dessa nossa espécie tão orgulhosa de suas prerrogativas⁵.

O embaraço de tentar determinar o mundo humano com base em conceitos, ou seja, leis mecânicas gerais, aponta para outra possibilidade considerada por Kant, que não é de modo algum compreensível a partir de uma teorização científica, mas que, em relação ao movimento histórico da humanidade, é colocada pelo juízo reflexionante teleológico além de qualquer lei geral da natureza. Trata-se, bem entendido, da interpretação kantiana da liberdade humana, segundo a qual o homem se afasta gradualmente da causalidade das leis gerais da natureza a fim de se submeter às leis da moral, que dependem apenas de sua própria razão. Levando em conta esta interpretação, é de surpreender que Kant negligencie quase totalmente o campo da história empírica no que diz respeito ao domínio da ação humana e da história, no qual a liberdade desempenha um papel tanto decisivo quanto cientificamente indeterminável? Kant é perfeitamente coerente com suas afirmações teóricas quando ele prefere a filosofia da história à história empírica, ou quando ele coloca a questão do movimento da história em um nível muito mais especulativo, onde a questão da liberdade pode entrar em jogo sem se preocupar com uma pretensão de rigor científico.

O século seguinte à morte de Immanuel Kant testemunhou uma mudança no horizonte do pensamento europeu, como Windelband indica quando se refere, na

⁵ *IaG*, 8: 17-18.

passagem do discurso que já citamos, a uma “elevação da história ao nível de uma ciência”. E se Windelband tenta estabelecer os fundamentos filosóficos desta nova ciência, não é principalmente para entender melhor o trabalho especializado do historiador, mas para dar conta de uma virada epistemológica que, ao abrir uma nova perspectiva sobre a historicidade humana, exige a constituição de uma ciência histórica do homem.

O próprio Windelband se propôs a prestar contas desta virada epistemológica em um discurso em 1894, intitulado *História e Ciência da Natureza* [*Geschichte und Naturwissenschaft*], proferido por ocasião de sua posse como reitor da Universidade de Estrasburgo. De acordo com este discurso, a virada epistemológica do século XIX torna necessário questionar a própria ideia de cientificidade tal como ela se desenvolveu na tradição filosófica do Ocidente. Neste contexto, o questionamento de uma ideia estreita do método científico proposto por Kant - estreita, como vimos, porque identifica a cientificidade com a capacidade de formular leis gerais - é articulado pela crítica a um pressuposto tradicional do qual Kant, aos olhos da Windelband, permanece prisioneiro.

Em seu discurso, Windelband traça o tradicional pressuposto de identificação da cientificidade com a lei universal desde a primeira teorização das ciências naturais no Ocidente. É com esta teorização que um *leitmotiv* tradicional será integrado à nova orientação científica: a saber, a identificação tradicional da realidade do ente [*Wirklichkeit des Seienden*] com o inalterável, com o que perdura apesar da mudança. É este pressuposto que determina o privilégio dado à lei geral, que por sua própria generalidade está isenta de mudanças ao longo do tempo, em contraste com os fatos particulares que estão em contínua transformação. O que sempre foi deixado de lado por este pressuposto das ciências da natureza - um pressuposto que será plenamente afirmado pelo próprio Kant - é a possibilidade de uma ciência de eventos singulares e das estruturas particulares e mutáveis que caracterizam a individualidade dos seres humanos e das comunidades humanas. Longe de ser negligenciável, a tomada de consciência das experiências singulares que constituem a história do ser humano e das coletividades humanas é decisiva, pois, segundo a tese da Windelband, o ser humano se cria a si mesmo a partir de seu conhecimento do passado. Assim, Windelband propõe substituir a noção aristotélica do homem como um animal dotado de razão e fala por uma ideia completamente diferente do ser humano: “o animal que tem história” [*Das Tier, welches*

Geschichte hat”]⁶. Nesta perspectiva, é menos por uma razão abstrata do que pelo conhecimento da plenitude das culturas individuais do passado que se designa a ideia de uma finalidade futura⁷.

É a partir desta nova ideia de historicidade humana que Windelband formula um método de conhecimento histórico, visando ir além da filosofia kantiana. Enquanto o mestre de Königsberg concedeu status de cientificidade apenas aos conceitos em operação nas ciências da natureza que conduzem à constituição de leis gerais - conceitos “nomotéticos” - Windelband propõe, ao lado desses conceitos gerais, a teorização de outro tipo de conceito - que ele chama de “idiográfico” - tematizando a individualidade histórica das culturas e coletividades humanas. Enquanto as ciências da natureza constroem seus conceitos com base em leis gerais, os conceitos das ciências históricas visam a singularidade humana com base em valores individuais objetivados nas culturas do passado. Para Wilhelm Windelband, e para Heinrich Rickert depois dele, a constituição de conceitos através de valores torna possível uma metodologia verdadeiramente científica, já que o pesquisador suspende qualquer juízo parcial a favor ou contra os valores que possam ter alimentado as crenças de épocas passadas, a fim de buscar seu significado objetivo em um determinado contexto cultural. A cientificidade do conceito histórico reside na possibilidade de qualquer pesquisador verificar sua objetividade, ou seja, estabelecer sua “validade universal” [*Allgemeingültigkeit*]. Assim, o ideal da historiografia, por exemplo, uma história do papado como a que Leopoldo von Ranke empreendeu, não deveria ser nem elogiar nem condenar os Papas, mas apresentar uma análise universalmente válida do papado livre de polêmicas sectárias e partidárias.

É esta ideia de objetividade histórica que faz ressurgir nossa pergunta original sobre a ampliação neokantiana da teoria da cientificidade de Kant: esta ampliação foi compatível com a orientação do mestre de Königsberg, ou esta orientação kantiana não se mostra por demais problemática para a teorização neokantiana da história, ou mesmo para a própria ideia de uma *ciência* do homem e da cultura?

Já vimos que para Kant, a cientificidade de uma disciplina depende de sua capacidade de tematizar seu objeto com base em leis. Em contrapartida, como não “sabemos que conceito devemos formar” dos atos e ações dos homens “no grande cenário

⁶ Wilhelm Windelband, *Geschichte und Naturwissenschaft*, p. 152.

⁷ *Ibid.*, pp. 151-160.

mundial”, a história empírica não poderia ser, para ele, senão pouco científica. A reflexão sobre a história foi transferida para o nível mais especulativo do juízo reflexionante, onde a questão da liberdade, além de qualquer possível tematização científica, poderia entrar em jogo no seio de uma filosofia da história.

Agora, dado que sua filosofia neokantiana propõe a construção de uma ciência empírica da história, Windelband desloca o foco de sua análise do juízo reflexionante para o juízo determinante dos conceitos. Se, como Windelband acredita, o homem é sua história, e o conhecimento da história assim nos fornece os meios por excelência para conhecer o ser humano, a análise do devir da humanidade no sentido de Kant não se limita apenas às ideias especulativas, mas está enraizada em uma ciência conceitual. Não obstante, através desta revisão da filosofia kantiana, Windelband traz à tona um problema que vai totalmente além do quadro desta filosofia: a saber, o problema do modo de determinação causal de um conceito científico específico das ciências humanas. Com efeito, como este modo de determinação poderia descartar a generalização baseada em leis mecânicas que eliminariam qualquer ideia de liberdade humana, sem envolver um princípio suprassensível de explicação? Este mesmo problema permanecerá no centro das preocupações neokantianas, alimentando as reflexões não apenas de Wilhelm Windelband, mas também de Heinrich Rickert, Georg Simmel e Max Weber.

Como Windelband resolve este problema? Respondamos a esta pergunta com uma análise mais profunda de sua teoria da individualidade. Se a Windelband, de fato, não visa uma análise do futuro da humanidade a partir de leis gerais, a ciência da história que ele propõe, no entanto, opera em termos de relações individuais de causa e efeito. Trata-se de determinações de uma causalidade individual onde a causa produz algo novo cada vez que não estava presente até então. Sem recorrer à construção de leis gerais, é assim que Windelband introduz um modo de explicação causal para conceitos históricos, exigido pela reivindicação de cientificidade de sua abordagem. Mas o mais importante para sua apropriação do legado kantiano é que a teoria de Windelband da explicação causal “idiográfica”, em seu confronto com o problema da liberdade, envolve uma reinterpretação da própria ideia de cientificidade no estudo da individualidade humana.

Podemos depreender o pleno alcance desta reinterpretação penetrando nas raízes desta teoria neokantiana da individualidade histórica pela via de uma afinidade que o próprio Windelband aponta: aquela entre o historiador e o artista, ou entre o conceito

idiográfico da história e a obra de arte. É esta comparação que encontramos, especialmente no ensaio *História e ciência da Natureza*, onde Windelband escreve a seguinte frase:

A partir do que realmente foi, [o historiador] tem a mesma tarefa a realizar que o artista a partir de sua fantasia. É aqui que encontramos as raízes deste parentesco entre a criação histórica e artística e aquela entre as disciplinas históricas e as *belles lettres*⁸.

Esta aproximação entre historiografia e arte no trabalho de Windelband foi fortemente criticada. Seu sucessor Heinrich Rickert encontrou falta de rigor científico⁹. Por razões bem diferentes, o Conde Yorck von Wartenburg, em uma carta escrita a Wilhelm Dilthey, fará um juízo crítico - que será citado por Heidegger com aprovação em *Sein und Zeit* - sobre o que lhe parece ser uma redução da historiografia ao “prazer estético” [*ästhetischer Genuss*]¹⁰.

Entretanto, a reprovação de Yorck está muito distante da inspiração kantiana em operação em Windelband para nos ajudar a entender a afinidade que ele aponta entre arte e história. Para isso, em contrapartida, Windelband deve ser interpretado de uma perspectiva kantiana, especialmente à luz da *Crítica da faculdade de julgar*, que o próprio Windelband considera ser a mais potente das obras de Kant. Lembremos que na *Crítica da faculdade de julgar* Kant propõe uma interpretação do juízo estético, tratando da intuição singular que, como as figuras idiográficas de Windelband, não pode ser ligada a nenhuma lei geral. Igualmente como a interpretação idiográfica em Windelband, o juízo do belo em Kant é universalmente exigido. Entretanto, para Kant o juízo do belo, ao contrário do conceito idiográfico, não vem de um objeto, mas apenas do livre jogo das faculdades puras de um sujeito, e não se permite ser conceituado de nenhuma forma, nem portanto ser objeto de uma ciência. Esta indeterminação do belo escapa assim à determinação geral dos conceitos mecânicos, ao mesmo tempo em que se permite voltar às regras universais estabelecidas a partir do livre jogo das faculdades; é esta mesma

⁸ Ibid., p. 150.

⁹ Heinrich Rickert, *Die Grenzen der naturwissenschaftlichen Begriffsbildung*, p. 278; *Kulturwissenschaft und Naturwissenschaft*, pp. 74-78.

¹⁰ Paul Yorck von Wartenburg, carta a W. Dilthey de 21.10.1895 em Briefwechsel zwischen Wilhelm Dilthey und dem Grafen Paul Yorck von Wartenburg, 1877-1897, p. 193; Martin Heidegger, *Sein und Zeit*, p. 399.

liberdade das faculdades que se dão “a lei”, o que indica, segundo a famosa interpretação da *Crítica da faculdade de julgar*, a possibilidade de uma fundação suprassensível¹¹.

Em virtude de sua proximidade com a intuição singular, a figura idiográfica mostra assim uma afinidade com a arte; seu status conceitual em Windelband, por outro lado, a traz de volta para o lado da ciência. Ao mesmo tempo indeterminável demais para pertencer à ciência da natureza, o conceito idiográfico é determinável demais para ser relegado ao domínio da arte; ele está situado em uma zona intermediária entre os dois domínios. É precisamente esta zona intermediária que Windelband procura colocar em evidência. Assim, em contraste com as teorias positivistas da história, que tentam explicar todos os fenômenos históricos por meio de leis gerais, a causalidade individual que Windelband propõe, ao mesmo tempo em que coloca uma determinação conceitual para os fenômenos históricos, deixa uma margem de indeterminação - o que Windelband chama de “resíduo de incompreensibilidade” [*Rest der Unbegreiflichkeit*]. Como o próprio Windelband escreve em seu discurso reitoral, *História e ciências da natureza*:

Assim, a subsunção a tais leis não nos ajuda em nada, quando se trata de analisar até seus últimos fundamentos o singular que é dado no tempo. É por isso que permanece para nós um resíduo de incompreensibilidade em cada experiência histórica e individual - algo inexprimível e indefinível. Dessa maneira, a última e mais íntima essência da personalidade resiste à análise em termos de categorias gerais, e esse fundo inapreensível aparece à nossa consciência como um sentido do elemento sem causa de nosso ser [*Ursachlosigkeit unseres Wesens*], ou seja, da liberdade individual¹².

Desta maneira, ele tenta estabelecer a explicação conceitual rigorosa exigida pela ciência sem descartar a possibilidade, além dos conceitos científicos, de uma orientação teleológica da história baseada na liberdade humana.

É aqui, porém, que o legado kantiano levanta um problema com relação a esta aliança que a Windelband tenta forjar entre a representação singular e a causalidade rigorosa do conceito. Em contraste com o juízo reflexionante de Kant, que apela ao reino suprassensível para produzir uma unidade teleológica da história humana, a história privilegiada por Windelband está enraizada, como vimos, numa determinação de conceitos de individualidade a partir de valores em operação nas culturas históricas.

¹¹ *KU*, 5: 285-286.

¹² Windelband, *Geschichte und Naturwissenschaft*, p. 159.

Ligada à “virada epistemológica” que inaugura um pensamento da historicidade radical do entendimento humano, esta ênfase na transformação empírica dos valores revela-se demasiado opaca, contando apenas com eles, para poder sustentar a ideia de uma *unidade* trans-histórica através de metamorfoses culturais, necessária para um pensamento teleológico da história. É neste sentido que a teoria crítica da história no final do século XIX não pode mais fornecer o mesmo *status* que Kant à abordagem especulativa do juízo reflexionante aplicado à história. Em última instância, Windelband, como Heinrich Rickert depois dele, tenta salvaguardar o legado kantiano, postulando a existência de valores transcendentais absolutos, em si mesmos desconhecidos, que seriam capazes de assegurar uma coesão de padrões de verdade ao longo da história¹³. Mas esta ideia de um fundamento absoluto dos valores culturais permanece puramente hipotético e - como atesta o abandono desta ideia por autores como Max Weber - é difícil de conciliar com a visada crítica da filosofia neokantiana da história.

Para a posteridade de Windelband, este pensamento sobre a historicidade radical dos contextos culturais e suas normas teóricas levantará a questão, muito além do quadro teórico kantiano, do próprio sentido de uma “ciência” histórica que toma como objeto a especificidade do mundo humano. O pensamento da descontinuidade radical não só mina qualquer possibilidade de teleologia ou unidade e coerência do “processo” da história, como também coloca em questão o escopo trans-histórico e universal das normas teóricas. Assim surge o problema do relativismo, onde tais normas, como todos os valores culturais, aparecem como perspectivas díspares sem vínculos de continuidade. A partir de uma tal ideia de história, torna-se duvidoso se é através de um conhecimento histórico das culturas que podemos chegar a uma verdadeira compreensão do ser humano.

Somos então levados a nos perguntar se as dificuldades encontradas pela teoria de uma ciência da história em Windelband não nos levam de volta à dúvida inicial - por razões talvez até mais aporéticas do que as evocadas pelo próprio Immanuel Kant - quanto ao sentido de uma ciência objetiva da história. No entanto, antes de chegar a conclusões precipitadas, é necessário examinar a este respeito se o campo coberto pela noção de “objetividade histórica” não requer uma reconsideração mais fundamental do próprio

¹³ Esta ideia de uma base definitiva para os valores culturais que são o tema das ciências culturais encontra uma expressão particularmente clara nos dois artigos publicados por Windelband e Rickert no *Festschrift* para Kuno Fischer, que apareceram em sua primeira edição em 1905: Windelband, *Die Geschichte der Philosophie*, pp. 321-422; Rickert, *Geschichtsphilosophie*, pp. 529-553.

significado desta noção. Além de qualquer objeção que possa ser levantada à definição estreita da ciência histórica de Windelband como tendo apenas representação idiográfica como seu objeto, é necessário reconsiderar o pressuposto fundamental enunciado pela teoria neokantiana: a saber, a convicção de que o abandono de metodologias emprestadas das ciências nomológicas não equivale a uma renúncia a qualquer reivindicação de cientificidade histórica como tal. Diante de um pensamento de descontinuidade radical, indo até a afirmação da incoerência das normas teóricas do juízo do passado, renunciar à pretensão de cientificidade equivale a levar ao extremo, além do próprio Kant, o questionamento da objetividade histórica. Para tal interpretação, qualquer consideração metodológica do modo de explicação causal na história perde sua pertinência, pois a narrativa histórica toma então a forma de um gênero literário e a representação histórica é colocada no reino da arte.

Mas será que isso deveria ser assim? Não seria possível fazer uma distinção mais fundamental entre arte e representação histórica que possa ter pretensão de objetividade?

A esta pergunta proponho a seguinte resposta: se o conceito de objetividade histórica tem sentido, é principalmente em virtude do que a própria noção de objetividade em Kant pressupõe: a saber, uma coerência na configuração dos objetos e uma ordem no encadeamento dos eventos dos quais depende a inteligibilidade da experiência como tal¹⁴. Contudo, diante da historicidade radical do entendimento humano, o historiador que procura tornar os contextos do passado inteligíveis para além de seu próprio horizonte temporal, se ele não pode se contentar com o estreito quadro teórico de Kant, é igualmente levado, a meu ver, a reformular a ideia de cientificidade cara a Windelband. Para o idealismo transcendental dos neokantianos de Baden, os valores humanos têm uma inteligibilidade específica; configurando um modo de causalidade próprio dos conceitos históricos idiográficos, contra o pano de fundo, como vimos, de um “resíduo de incompreensibilidade”, sua transformação não coloca em questão o pressuposto de uma linha de continuidade ininterrupta do passado com o presente. Em última análise, esta orientação teórica não considera a possibilidade de que em um nível mais profundo a historicidade radical do entendimento humano leve à reviravolta das próprias condições de inteligibilidade da experiência. Tal reviravolta, como eu a interpreto, causa mutações nas estruturas de significação simbólica que se estendem até o nível das nuances

¹⁴ *KrV*, A83-86.

semânticas, da legibilidade de imagens e gestos¹⁵. Para eras posteriores, uma mutação tão radical deixa em seu rastro campos profundos de opacidade que o olhar anacrônico de um horizonte de tempo estranho não pode penetrar. E o historiador, então, diante de tal situação, o que pode esperar alcançar com base em uma reconstrução minuciosa do contexto factual do passado? De que forma ele ainda pode apelar a um ideal de “objetividade” no domínio do conhecimento histórico?

De acordo com o argumento com o qual vou concluir esta breve reflexão, o conceito de “objetividade” do conhecimento histórico se reveste de um sentido mais apropriado à observação da historicidade radical do entendimento humano se completarmos a nobre formulação de Windelband deste ideal à luz de um aspecto central da teoria da história elaborada por seu contemporâneo Wilhelm Dilthey. A este respeito, chamarei a atenção para a reflexão que Dilthey oferece em seu famoso artigo *Contribuições para a resolução da questão da origem e legitimidade de nossa crença na realidade do mundo externo* (1890). Neste artigo, Dilthey tem em vista a exterioridade do mundo não apenas em termos de um ambiente presente que nos rodeia, mas também em termos de um mundo passado que não é mais objeto da experiência imediata. E de acordo com Dilthey, a realidade do passado histórico é principalmente sobre um mundo fora de nós que, embora vá além dos limites temporais do nosso presente, ainda nos afeta. Independentemente de nós, mas ainda vivo em nós, o passado pode, por um lado, servir como fonte de legitimação de uma identidade presente. Neste sentido, o passado se apresenta, segundo Dilthey, como um “incentivo” [*Förderung*]. Por outro lado, Dilthey também sugere que a realidade do passado pode ser atestada onde ela é uma fonte de “inibição” [*Hemmung*] para o presente. No entanto, Dilthey não prossegue esta curta análise em seu artigo. A meu ver, poderíamos interpretar como uma alusão a um sentimento inesquecível de mal-estar ou desconforto que uma consciência de um aspecto do passado suscita¹⁶.

Se, neste ensaio sobre nossa crença na realidade do mundo externo, Dilthey dedicou apenas alguns parágrafos à interpretação do passado histórico, ele, não obstante,

¹⁵ Trata-se aqui do conceito de *Evidenzwandel*, que se encontra em particular na definição do programa da “Begriffsgeschichte”; cf. Reinhart Koselleck, “Einleitung”, *Geschichtliche Grundbegriffe*, p. xix. Exploro a ligação entre esta problemática e as mutações nas estruturas de significação simbólica em meu livro *Collective Memory and the Historical Past*.

¹⁶ Wilhelm Dilthey, *Beiträge zur Lösung der Frage vom Ursprung unseres Glaubens an die Realität der Aussenwelt und seinem Recht*, p. 114.

dá alguns elementos de reflexão sobre seu *status*. Assim, além da breve descrição de Dilthey, sua interpretação abre a perspectiva de um passado que perdura através de estruturas de significação simbólica que são reapropriadas, às vezes tacitamente, ou, ao contrário, são objeto de repressão, na maioria das vezes não reconhecida. Mais radicalmente do que a teoria neokantiana da história e da historiografia tradicional tem estado disposta a admitir, a independência “objetiva” do passado é atestada em primeiro lugar por sua capacidade de interpelar - de uma forma completamente diferente da arte - uma identidade presente que está muito envolvida, ou mesmo cega, pelos bloqueios de sua própria atualidade. Apesar das margens de opacidade que encobrem o passado em sua radical alteridade, é a consciência desta realidade do passado histórico que nos dá a possibilidade de detectar os pontos cegos de um juízo demasiado “subjetivo” - preso na perspectiva parcial de sua atualidade - e confere uma modesta margem de “objetividade” ao conhecimento da história. Além da herança kantiana, a tarefa da Windelband de captar a ideia de “objetividade” própria de uma ciência da história ainda permanece aberta para nós.

Referências

- Barash, J. (2016). *Collective Memory and the Historical Past*. University of Chicago Press.
- Dilthey, W. (1923). *Briefwechsel zwischen Wilhelm Dilthey und dem Grafen Paul Yorck von Wartenburg, 1877-1897*. Niemeyer.
- Dilthey, W. (1957). *Beiträge zur Lösung der Frage vom Ursprung unseres Glaubens an die Realität der Aussenwelt und seinem Recht*. In W. Dilthey, *Gesammelte Schriften*. Teubner.
- Heidegger, M. (1972). *Sein und Zeit*. Niemeyer.
- Kant, I. (1982). *Premiers principes métaphysiques de la science de la nature*. (J. Gibelin, Trad.). Vrin.
- Kant, I. (2004). *Ideia de uma história universal de um ponto de vista cosmopolita* (R. Terra, Trad.). Martins Fontes.
- Kant, I. (2012). *Crítica da razão pura* (F. C. Mattos, Trad.). Vozes.
- Kant, I. (2016). *Crítica da faculdade de julgar* (F. C. Mattos, Trad.). Vozes.

Koselleck, R. (1972). *Geschichtliche Grundbegriffe. Historisches Lexikon zur politisch-sozialen Sprache in Deutschland* (Vol. 1). Klett.

Rickert, H. (1907). *Geschichtsphilosophie*. In H. Rickert, *Die Philosophie im Beginn des zwanzigsten Jahrhunderts. Festschrift für Kuno Fischer* (W. Windelband, Ed.). Winter.

Rickert, H. (1921). *Die Grenzen der naturwissenschaftlichen Begriffsbildung*. Mohr.

Rickert, H. (1926). *Kulturwissenschaft und Naturwissenschaft*. Mohr.

Windelband, W. (1907). Die Geschichte der Philosophie. In W. Windelband, *Die Philosophie im Beginn des zwanzigsten Jahrhunderts. Festschrift für Kuno Fischer* (W. Windelband, Ed.). Heidelberg.

Windelband, W. (1924). Geschichte und Naturwissenschaft. In W. Windelband, *Präludien: Vol. 2*. Mohr.

Windelband, W. (1924). Nach Hundert Jahren. In W. Windelband, *Präludien: Vol. 1*. Mohr.

Artigo recebido em: 28.06.2021

Artigo aprovado em: 27.07.2021

